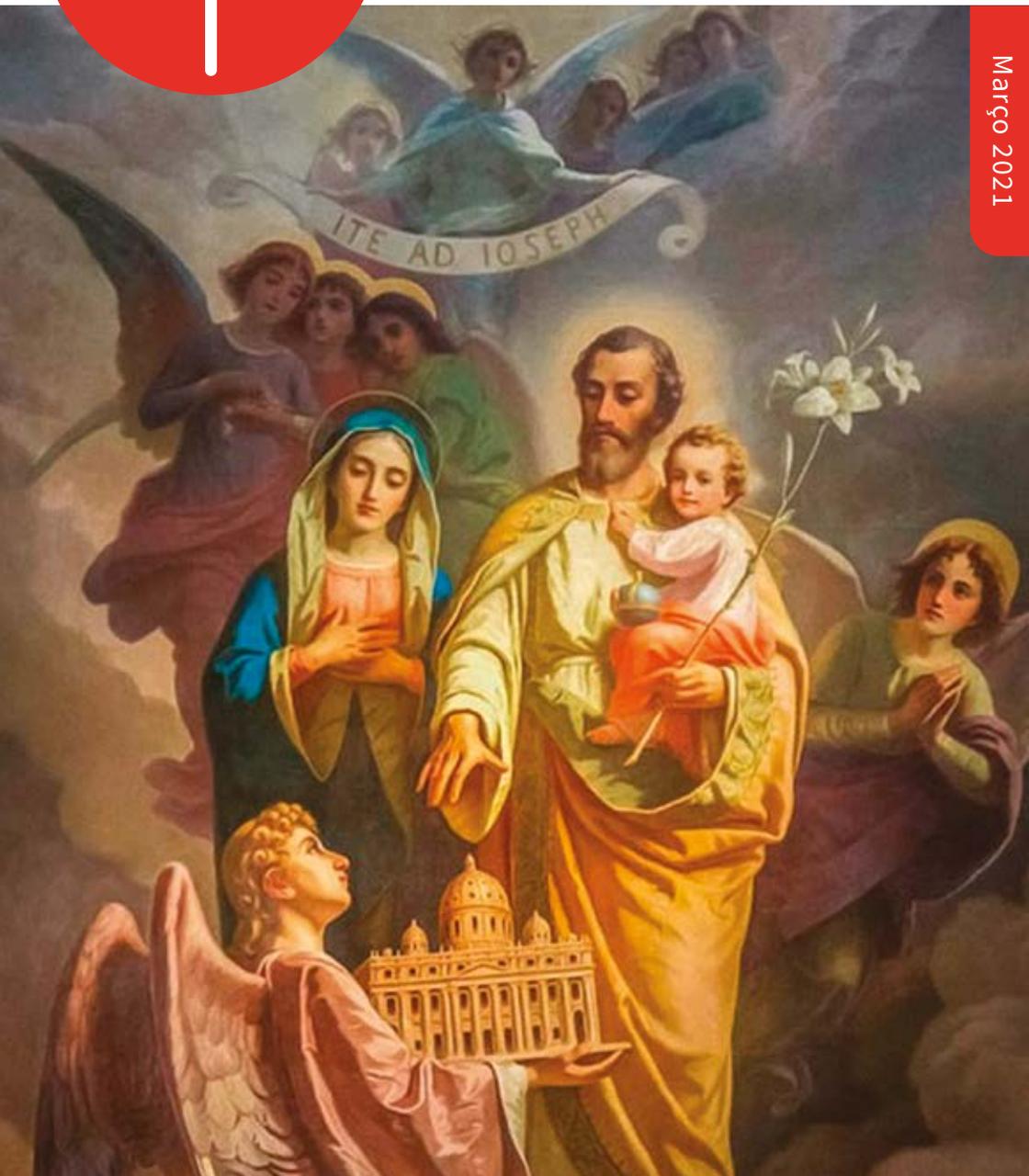




Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

Março 2021



Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

Março: O sacramento da reconciliação

Rezemos para que vivamos o sacramento da reconciliação com uma profundidade renovada, para saborear a infinita misericórdia de Deus.



iBreviary

O **iBreviary** é uma aplicação católica que permite ter no **telemóvel** e no **tablet** o **breviário**, toda a **Liturgia das Horas**, o **missal diário** completo para acompanhar ou celebrar a Missa, as **principais orações católicas**, o **santo do dia** e os **rituais de todos os sacramentos**.

A aplicação está disponível em português e mais 8 línguas. A versão portuguesa é constituída por textos aprovados pela Conferência Episcopal Portuguesa e cedidos pelo Secretariado Nacional da Liturgia.

O **iBreviary** foi criado em Itália, em Dezembro de 2008, pelo Pe. Paolo Padrini, apaixonado pelas novas tecnologias, que explica: “Assim como o breviário impresso é um instrumento portátil, que pode acompanhar a jornada dos sacerdotes e leigos, do mesmo modo, com a modernidade, abrimo-nos ao suporte para telemóveis: mudam as modalidades de uso, mas não a lógica subjacente, que é a de poder aceder à oração de modo prático a qualquer momento do dia”. O **iBreviary** nasceu para se “utilizar os telemóveis num âmbito fundamental humano: a oração”.

No ano de S. José

Este ano dedicado a S. José é uma oportunidade que a Igreja nos oferece de recordarmos agradecidos a figura de S. José e o seu lugar insubstituível na história da salvação: Ele é o que guarda a Sagrada Família, esposo da Virgem Maria, pai “putativo” de Jesus.

A figura de S. José e o seu lugar na história da salvação pode sintetizar-se em duas frases: esposo de Maria e pai putativo de Jesus. Na cena que o Evangelho segundo S. Lucas nos relata, da perda e encontro do Menino Jesus no templo, Nossa Senhora diz ao Menino: “Filho, porque nos fizeste isso? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura” (Lc 2,48).

As únicas fontes que temos à nossa disposição para o conhecimento de S. José, são os Evangelhos da infância, que se encontram em S. Mateus e em S. Lucas e ainda, no corpo do Evangelho, a referência à identificação

de Jesus como “filho do carpinteiro” (Mt 13,55). Nestes Evangelhos aparece a referência a S. José nas genealogias onde se diz: “Jacob gerou José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama Cristo” (Mt 1,16). Depois encontra-se a menção a S. José no contexto da concepção virginal de Jesus, quando se diz que José, que era justo, não querendo difamar a sua esposa, pensava deixá-la em segredo (cf. Mt 1,19).

Foi seguramente um momento dramático para aquele homem “justo”, o qual, na presença do mistério que acontecia na sua esposa, deseja deixá-la em segredo. Mas num sonho um anjo lhe falou e lhe disse que não tivesse medo em acolher a sua esposa, porque o que nela estava a acontecer era obra de Deus: “despertando José do sono fez como lhe ordenou o anjo do Senhor e recebeu sua mulher” (Mt 1,25).

A sua presença é importante na fuga para o Egipto, por causa de Herodes

que queria matar o Menino; e depois no regresso do Egipto e a instalação da Sagrada Família em Nazaré (cf. Mt 2,22-23).

Em todos estes momentos da infância de Jesus, S. José aparece como o guarda da Sagrada Família, protegendo a Mãe e o Menino. Depois desaparece da cena. Em toda esta narrativa S. José é o homem “justo”, pronto para se “levantar” sempre que a vontade de Deus se manifesta, em sonhos por um anjo: “Levantando-se, tomou o Menino e sua Mãe e voltou para a terra de Israel” (Mt 2,21). É a atitude da fé, que se encontra em tantas figuras bíblicas, a começar por Abraão. A fé dos patriarcas, e deste patriarca por excelência, manifesta-se nesta atitude de escuta silenciosa e na prontidão para se levantar e partir para onde Deus o envia. S. José é apresentado como “justo” (cf. Mt 1,19), um adjectivo que evoca a “justiça” que em Jesus se cumpre, como Ele responde a João Baptista: “deixa lá! É preciso que se cumpra toda a justiça” (Mt 3,15). S. José, com a sua atitude, está em linha com a justiça de Deus que se cumpre,

ou seja, o desígnio da salvação que se revela no mistério do Seu Filho, Jesus, o Verbo de Deus incarnado (cf. Jo 1,14).

Voltaremos noutras meditações sobre este tema tão importante. Que este ano de S. José seja para todos nós a ocasião que não podemos perder de intensificar a nossa devoção por aquele que guardou com cuidado a Sagrada Família, para tenha por nós o mesmo cuidado, ele que em Fátima, no dia 13 de Outubro de 1917 apareceu no céu, com o Menino nos braços abençoando Portugal e o Mundo. Invoquemo-lo com fé com a aclamação que a Igreja na sua ladainha nos ensina: “terror do demónio, rogai por nós”. Ou numa outra jaculatória: “S. José, nosso protector, rogai por nós!”. E como precisamos da sua protecção nestes tempos de desamparo, pois só ele, com a sua santíssima esposa, nos pode valer!

Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj
Assistente Eclesiástico da AIS

Superfície65.610 km²**População**

20.811.000

Religiões

Budistas: 68,4%

Hindus: 13,2%

Cristãos: 9,1%

Muçulmanos: 8,6%

Outras: 0,7%

Línguas

Cingalês, tâmil, inglês

**SRI LANKA****UM PERDÃO
CHEIO DE CORAGEM**

Durante a Missa de Domingo de Páscoa de 12 de Abril de 2020, um ano após os atentados que provocaram mais de 250 mortos na ilha, o Cardeal Ranjith, Arcebispo de Colombo, declarou que os Católicos tinham perdoado os seus algozes. A Igreja espera agora que a justiça faça o seu trabalho.

“No ano passado, jovens irreflectidos atacaram-nos. Enquanto seres humanos, poderíamos ter dado uma resposta humana e egoísta”, declarou o Cardeal Ranjith, Arcebispo de Colombo, numa comovente homília

durante a Missa de Domingo de Páscoa de 12 de Abril de 2020 transmitida pela televisão, um ano após dos atentados que provocaram mais de 250 mortos em várias cidades do Sri Lanka. “Mas meditámos os ensinamentos de Cristo

Funeral das vítimas
dos atentados na
Páscoa de 2019



e fomos capazes de os amar, de os perdoar e de ter piedade deles”, continuou. “Não os odiámos e não devolvemos a violência.” Este corajoso perdão é dirigido aos terroristas do grupo *National Thawheed Jamaat* (NTJ), associado ao autoproclamado Estado Islâmico, que fez explodir as bombas em três igrejas e três hotéis no dia 21 de Abril de 2019, provocando a morte de, pelo menos, 259 pessoas e a mutilação de cerca de 500. Uma verdadeira carnificina! O Pe. Jude Fernando, reitor da Paróquia de Santo António, onde foram mortas 45 pessoas e feridas 138, confirma o perdão concedido: “O ano passado, no domingo seguinte aos atentados, os seminaristas rezaram esta oração: “Pai, perdoa-lhes porque não sabe o

que fazem” e, durante todo o ano, em cada Domingo, repetiram a mesma oração... Sim, podemos dizer que perdoámos os terroristas”. Neste mesmo espírito, logo a seguir aos atentados, o Cardeal Ranjith falou em público, pedindo que todas as comunidades se perdoassem mutuamente. Foi ousado mas necessário para este país insular, multi-religioso e multi-étnico, onde a recordação da guerra civil ainda está muito presente.

Oração

*Para que o perdão semeado pelos
Cristãos do Sri Lanka dê muitos frutos
de conversão, nós Te pedimos Senhor.*



REGRESSO À NORMALIDADE

Hoje, um ano depois dos atentados, os Cristãos estão melhor. E voltam às igrejas. A tal ponto que, mesmo antes da pandemia da Covid-19, que veio impor o encerramento das igrejas, “a participação na Missa era 80% do habitual”, como testemunha o Pe. Jude. Estes atentados vieram até contribuir para a reunião entre pessoas de confissões diferentes no seu santuário, constatou, salientando a presença de numerosos budistas e muçulmanos. A 21 de Abril de 2020, os Cingaleses deviam reunir-se para o aniversário dos atentados. “Os Cristãos esperavam este acontecimento mas, devido ao confinamento, não foi possível realizá-lo”, explica o Pe. Jude. Apesar de tudo, teve lugar uma cerimónia com a presença do arcebispo e três padres.

Paradoxalmente, o confinamento dá segurança aos Cristãos porque, uma vez que não é possível a realização de encontros, diminui também a possibilidade de atentados.

Mas, se a maioria dos paroquianos vai voltando hoje à sua vida normal (com excepção do confinamento), continua o caminho de cura na sua lentidão e dor, com o medo de um novo atentado sempre presente. Agravado pelo facto de, um ano depois, a Justiça ainda não ter, aparentemente, feito completamente o seu trabalho, apesar da detenção de 135 pessoas.

Oração

Para que as feridas provocadas pela violência e pelo ódio sejam por Ti curadas e dêem lugar à aceitação, ao consolo e à paz, nós Te pedimos Senhor.

D. Malcolm, Bispo de Colombo, exige que seja feita justiça o mais depressa possível



DÚVIDAS SOBRE A INVESTIGAÇÃO

Em Março de 2020, o Cardeal Ranjith não poupou palavras para exigir que se faça justiça. “Não hesitaremos em sair à rua para salvaguardar os direitos do nosso povo”, afirmou, manifestando sérias dúvidas sobre a investigação lançada pelo presidente da altura, Maithripala Sirisena: “O processo parece não ser transparente. Alguns dados que deviam vir a público, estão escondidos.”

O actual chefe de Estado, Gotabaya Rajapaksa, eleito em Novembro por ter afirmado claramente querer lutar contra o terrorismo depois dos atentados, anunciou querer “acelerar as investigações em curso”. Nomeou em Fevereiro uma nova equipa de seis pessoas dedicadas à investigação. O Pe. Jude está confiante: “Estou num

estado de espírito positivo, penso que vai chegar-se a bom porto e espero que seja feita justiça.”

Que Deus o oiça!

Oração

Para que se faça justiça e sejam respeitados os direitos do povo Cingalês, nós Te pedimos Senhor.

UMA GUERRA CIVIL QUE MAL TERMINOU

Durante 26 anos, de 1983 a 2009, grassou uma guerra sangrenta entre os Tigres Tamil separatistas (*Liberation Tigers of Tamil Elam - LTTE*) e as forças governamentais dominadas pela maioria cingalesa budista. O conflito custou a vida a 70 mil pessoas e traumatizou milhares. Os atentados da Páscoa de 2019 reavivaram este passado doloroso.

DIA DE SÃO JOSÉ

19 DE MARÇO



*Em plena pandemia, crise, incerteza, confusão e provação espiritual, chegou a hora de recorrermos a São José, nosso grande intercessor junto de Deus. O Papa Francisco convocou um **ano dedicado a São José**, de 8 de Dezembro de 2020 a 8 de Dezembro de 2021, para assinalar o 150.º aniversário da sua declaração como padroeiro da Igreja universal, e publicou a **Carta Apostólica ‘Patris Corde’** (com coração de pai), cuja leitura incentivamos e da qual apresentamos alguns excertos.*

Avontade de Deus, a sua história e o seu projecto passam também através da angústia de José. Assim, **ele ensina-nos que ter fé em Deus inclui também acreditar que Ele pode intervir inclusive através dos nossos medos, das nossas fragilidades, da nossa fraqueza.** E ensina-nos que, no meio das tempestades da vida, não devemos ter medo de deixar a Deus o leme da nossa barca. Por vezes **queremos controlar tudo, mas o olhar d’Ele vê sempre mais longe.**(...)

Na nossa vida, muitas vezes sucedem coisas, cujo significado não entendemos. E a nossa primeira reacção, frequentemente, é de desilusão e revolta. Diversamente, **José deixa de lado os seus raciocínios para dar lugar ao que sucede e, por mais misterioso que possa aparecer a seus olhos, acolhe-o, assume a sua**

responsabilidade e reconcilia-se com a própria história. Se não nos reconciliarmos com a nossa história, não conseguiremos dar nem mais um passo, porque ficaremos sempre reféns das nossas expectativas e consequentes desilusões.

A vida espiritual que José nos mostra não é um caminho que explica, mas um caminho que acolhe. Só a partir deste acolhimento, desta reconciliação, é possível intuir também uma história mais excelsa, um significado mais profundo. Parecem ecoar as palavras inflamadas de Job, quando, desafiado pela esposa a rebelar-se contra todo o mal que lhe está a acontecer, responde: “Se recebemos os bens da mão de Deus, não aceitaremos também os males?” (Job 2, 10).

José não é um homem resignado passivamente. O seu protagonismo é

corajoso e forte. O acolhimento é um modo pelo qual se manifesta, na nossa vida, o dom da fortaleza que nos vem do Espírito Santo. **Só o Senhor nos pode dar força para acolher a vida como ela é, aceitando até mesmo as suas contradições, imprevistos e decepções.**

A vinda de Jesus ao nosso meio é um dom do Pai, para que cada um se reconcilie com a carne da sua história, mesmo quando não a compreende totalmente.

O que Deus disse ao nosso Santo – “José, Filho de David, não temas...” (Mt 1, 20) –, parece repeti-lo a nós também: “Não tenhais medo!” É necessário deixar de lado a ira e a decepção para – movidos não por qualquer resignação mundana, mas com uma fortaleza cheia de esperança – dar lugar àquilo que não escolhemos e, todavia, existe. **Acolher a vida desta maneira introduz-nos num significado oculto. A vida de cada um de nós pode recomeçar miraculosamente, se encontrarmos a coragem de a viver segundo aquilo que nos indica o Evangelho. E não importa se tudo parece ter tomado já uma direção errada e se algumas coisas já são irreversíveis. Deus pode fazer brotar flores no meio das rochas.** E mesmo que o nosso coração nos censure de qualquer coisa, Ele “é maior que o nosso coração e conhece tudo” (1 Jo 3, 20).

Reaparece aqui o realismo cristão, que não deita fora nada do que existe. A realidade, na sua misteriosa persistência e complexidade, é portadora dum sentido da existência com as suas luzes e sombras. É isto que leva o apóstolo Paulo a dizer: **“Sabemos que tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus”** (Rm 8, 28). E Santo Agostinho acrescenta: tudo, **“incluindo aquilo que é chamado**

mal”. Nesta perspectiva global, a fé dá significado a todos os acontecimentos, sejam eles felizes ou tristes.(...)

Frequentemente, ao ler os “Evangelhos da Infância”, apetece-nos perguntar por que motivo Deus não interveio de forma directa e clara. **Porque Deus intervém por meio de acontecimentos e pessoas: José é o homem por meio de quem Deus cuida dos primórdios da história da redenção; é o verdadeiro “milagre”, pelo qual Deus salva o Menino e sua mãe.** O Céu intervém, confiando na coragem criativa deste homem que, tendo chegado a Belém e não encontrando alojamento onde Maria possa dar à luz, arranja um estábulo e prepara-o de modo a tornar-se o lugar mais acolhedor possível para o Filho de Deus, que vem ao mundo (cf. Lc 2, 6-7). Face ao perigo iminente de Herodes, que quer matar o Menino, de novo em sonhos José é alertado para O defender e, no coração da noite, organiza a fuga para o Egipto (cf. Mt 2, 13-14).

Numa leitura superficial destas narrações, a impressão que se tem é a de que o mundo está à mercê dos fortes e poderosos, mas a “boa notícia” do Evangelho consiste precisamente em mostrar como, não obstante a arrogância e a violência dos dominadores terrenos, Deus encontra sempre a forma de realizar o seu plano de salvação. Às vezes também a nossa vida parece à mercê dos poderes fortes, mas o Evangelho diz-nos que Deus consegue sempre salvar aquilo que conta, desde que usemos a mesma coragem criativa do carpinteiro de Nazaré, o qual sabe transformar um problema numa oportunidade, antepondo sempre a sua confiança na Providência.

In Carta Apostólica Patris Corde do Papa Francisco

Ladainha de São José

*Senhor, tende piedade de nós,
 Senhor, tende piedade de nós.
 Jesus Cristo, tende piedade de nós.
 Jesus Cristo, tende piedade de nós.
 Senhor, tende piedade de nós.
 Senhor, tende piedade de nós.
 Jesus Cristo, ouvi-nos.
 Jesus Cristo, atendei-nos.*

*Pai do Céu que sois Deus, tende piedade
 de nós. Filho, Redentor do mundo,
 que sois Deus, tende piedade de nós.
 Espírito Santo que sois Deus,
 tende piedade de nós.
 Santíssima Trindade que sois um
 só Deus, tende piedade de nós.*

*Santa Maria, rogai por nós.
 São José, rogai por nós.
 Ilustre descendente de
 David, rogai por nós.
 Luz dos Patriarcas, rogai por nós.
 Esposo da Mãe de Deus, rogai por nós.
 Castíssimo guarda da
 Virgem, rogai por nós.
 Amparo do Filho de Deus, rogai por nós.
 Vigilante defensor de
 Cristo, rogai por nós.
 Chefe da Sagrada Família,
 rogai por nós.
 José justíssimo, rogai por nós.
 José castíssimo, rogai por nós.
 José prudentíssimo, rogai por nós
 José fortíssimo, rogai por nós.*

*José obedientíssimo, rogai por nós,
 José fidelíssimo, rogai por nós.
 Espelho de paciência, rogai
 por nós. Amante da pobreza,
 rogai por nós. Modelo dos tra-
 balhadores, rogai por nós.
 Honra da vida de família, rogai por nós.
 Guarda das virgens, rogai
 por nós. Sustentáculo das
 famílias, rogai por nós.
 Consolo dos infelizes, rogai por nós.
 Esperança dos enfermos, rogai por nós.
 Patrono dos moribundos, rogai por nós.
 Terror dos demónios, rogai por nós.
 Protetor da Santa Igreja, rogai por nós.*

*Cordeiro de Deus, que tirais o pecado
 do mundo, – perdoai-nos Senhor!
 Cordeiro de Deus, que tirais o pecado
 do mundo, – ouvi-nos Senhor!
 Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do
 mundo, – tende piedade de nós, Senhor!
 V/ Estabeleceu-o senhor da sua casa,
 R/ E príncipe de todos os seus bens.*

Oremos: Ó Deus, cuja inegável
 providência se dignou escolher o
 bem-aventurado São José para esposo
 de vossa Mãe Santíssima, fazei que,
 venerando-o como protetor na terra,
 mereçamos tê-lo como nosso inter-
 cessor no Céu. Vós que sois Deus com
 o Pai, na unidade do Espírito Santo.



MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA A QUARESMA DE 2021

Queridos irmãos e irmãs!

Jesus, ao anunciar aos discípulos a sua paixão, morte e ressurreição como cumprimento da vontade do Pai, desvenda-lhes o sentido profundo da sua missão e convida-os a associarem-se à mesma pela salvação do mundo.

Ao percorrer o caminho quaresmal que nos conduz às celebrações pascais, recordamos Aquele que “Se rebaixou a Si mesmo, tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz” (Fl 2, 8). Neste tempo de conversão, *renovamos a nossa fé*, obtemos a “*água viva*” da *esperança* e recebemos com o coração aberto o *amor de Deus* que nos transforma em irmãos e irmãs em Cristo. Na noite de Páscoa, renovaremos as promessas do nosso Baptismo, para renascer como mulheres e homens novos por obra e graça do Espírito Santo. Entretanto o itinerário da Quaresma, como aliás todo o caminho cristão, já está inteiramente sob a luz da Ressurreição que anima os sentimentos, atitudes e opções de quem deseja seguir a Cristo.

O *jejum*, a *oração* e a *esmola* – tal como são apresentados por Jesus na sua pregação (cf. Mt 6, 1-18) – são as condições para a nossa conversão e sua expressão. O caminho da pobreza e da privação (o *jejum*), a atenção e os gestos de amor pelo homem ferido (a *esmola*) e o diálogo filial com o Pai (a *oração*) permitem-nos encarnar uma fé sincera, uma esperança viva e uma caridade operante.

1. A fé chama-nos a acolher a Verdade e a tornar-nos suas testemunhas diante de Deus e de todos os nossos irmãos e irmãs

Neste tempo de Quaresma, *acolher e viver a Verdade manifestada em Cristo* significa, antes de mais, deixar-nos alcançar pela Palavra de Deus, que nos é transmitida de geração em geração pela Igreja. Esta Verdade não é uma construção do intelecto, reservada a poucas mentes selectas, superiores ou ilustres, mas é uma mensagem que recebemos e podemos compreender graças à inteligência do coração, aberto à grandeza de Deus,

que nos ama ainda antes de nós próprios tomarmos consciência disso. Esta Verdade é o próprio Cristo, que, assumindo completamente a nossa humanidade, Se fez Caminho – exigente, mas aberto a todos – que conduz à plenitude da Vida.

O jejum, vivido como experiência de privação, leva as pessoas que o praticam com simplicidade de coração a redescobrir o dom de Deus e a compreender a nossa realidade de criaturas que, feitas à sua imagem e semelhança, n’Ele encontram plena realização. Ao fazer experiência duma pobreza assumida, quem jejua faz-se pobre com os pobres e “acumula” a riqueza do amor recebido e partilhado. O jejum, assim entendido e praticado, ajuda a amar a Deus e ao próximo, pois, como ensina São Tomás de Aquino, o amor é um movimento que centra a minha atenção no outro, considerando-o como um só comigo mesmo [cf. Enc. *Fratelli tutti* (= FT), 93].

A Quaresma é um tempo para acreditar, ou seja, para receber a Deus na nossa vida permitindo-Lhe “fazer morada” em nós (cf. Jo 14, 23). **Jejuar significa libertar a nossa existência de tudo o que a atravanca**, inclusive da saturação de informações – verdadeiras ou falsas – e produtos de consumo, **a fim de abirmos as portas do nosso coração Àquele que vem a nós pobre de tudo, mas “cheio de graça e de verdade” (Jo 1, 14): o Filho de Deus Salvador.**

2. A esperança como “água viva”, que nos permite continuar o nosso caminho

A samaritana, a quem Jesus pedira de beber junto do poço, não entende quando Ele lhe diz que poderia oferecer-lhe uma “água viva” (cf. Jo 4, 10-12); e, naturalmente, a primeira coisa que lhe vem ao pensamento é a água material, ao passo que Jesus pensava no Espírito Santo, que Ele dará em abundância no Mistério Pascal e que infunde em nós a esperança que não desilude. Já quando preanuncia a sua paixão e morte, Jesus abre à esperança dizendo que “ressuscitará ao terceiro dia” (Mt 20, 19). Jesus fala-nos do futuro aberto de par em par pela misericórdia do Pai. Esperar com Ele e graças a Ele significa acreditar que, a última palavra na história, não a têm os nossos erros, as nossas violências e injustiças, nem o **pecado** que crucifica o Amor; significa obter do seu Coração aberto o perdão do Pai.

No contexto de preocupação em que vivemos actualmente onde tudo parece frágil e incerto, falar de esperança poderia parecer uma provocação. **O tempo da Quaresma é feito para ter esperança, para voltar a dirigir o nosso olhar para a paciência de Deus**, que continua a cuidar da sua Criação, não obstante nós a maltratarmos com frequência (cf. Enc. *Laudato si’*, 32-33.43-44). É ter esperança naquela reconciliação a que nos exorta apaixonadamente São Paulo: “Reconciliai-vos com Deus” (2 Cor 5, 20). Recebendo o perdão no Sacramento que está no centro do nosso processo de conversão, tornamo-nos, por nossa vez, propagadores do perdão: tendo-o recebido nós próprios, podemos oferecê-lo através da capacidade de viver um diálogo solícito e adoptando um comportamento que conforta quem está ferido. O perdão de Deus, através também das nossas palavras e gestos, possibilita viver uma Páscoa de fraternidade.

Na Quaresma, estejamos mais atentos a “dizer palavras de incentivo, que reconfortam, consolam, fortalecem, estimulam, em vez de palavras que humilham, angustiam, irritam, desprezam” (FT, 223). Às vezes, para dar esperança, basta ser “uma pessoa amável, que deixa de lado as suas preocupações e urgências para prestar atenção, oferecer um sorriso, dizer uma palavra de estímulo, possibilitar um espaço de escuta no meio de tanta indiferença” (FT, 224).

No recolhimento e oração silenciosa, a esperança é-nos dada como inspiração e luz interior, que ilumina desafios e opções da nossa missão; por isso mesmo, é fundamental recolher-se para rezar (cf. Mt 6, 6) e encontrar, no segredo, o Pai da ternura.

Viver uma Quaresma com esperança significa sentir que, em Jesus Cristo, somos testemunhas do tempo novo em que Deus renova todas as coisas (cf. Ap 21, 1-6), “sempre dispostos a dar a razão da [nossa] esperança a todo aquele que [no-la] peça” (1 Pe 3, 15): a razão é Cristo, que dá a sua vida na cruz e Deus ressuscita ao terceiro dia.

3. A caridade, vivida seguindo as pegadas de Cristo na atenção e compaixão por cada pessoa, é a mais alta expressão da nossa fé e da nossa esperança

A caridade alegra-se ao ver o outro crescer; e de igual modo sofre quando o encontra na angústia: sozinho, doente, sem abrigo, desprezado, necessitado... A caridade é o impulso do coração que nos faz sair de nós mesmos gerando o vínculo da partilha e da comunhão.

“A partir do ‘amor social’, é possível avançar para uma civilização do amor a que todos nos podemos sentir chamados. Com o seu dinamismo universal, a caridade pode construir um mundo novo, porque não é um sentimento estéril, mas o modo **melhor** de alcançar vias eficazes de desenvolvimento para todos” (FT, 183).

*A caridade é dom, que dá sentido à nossa vida e graças ao qual consideramos quem se encontra na privação como membro da nossa própria família, um amigo, um irmão. **O pouco, se partilhado com amor, nunca acaba, mas transforma-se em reserva de vida e felicidade.*** Aconteceu assim com a farinha e o azeite da viúva de Sarepta, que oferece ao profeta Elias o bocado de pão que tinha (cf. 1 Rs 17, 7-16), e com os pães que Jesus abençoa, parte e dá aos discípulos para que os distribuam à multidão (cf. Mc 6, 30-44). O mesmo sucede com a nossa esmola, seja ela pequena ou grande, oferecida com alegria e simplicidade.

*Viver uma Quaresma de caridade significa cuidar de quem se encontra em condições de sofrimento, abandono ou angústia por causa da pandemia de Covid-19. Neste contexto de grande incerteza quanto ao futuro, lembrando-nos da palavra que Deus dera ao seu Servo – “não temas, porque Eu te resgatei” (Is 43, 1) –, **ofereçamos, juntamente com a nossa obra de caridade, uma palavra de confiança e façamos sentir ao outro que Deus o ama como um filho.***

“Só com um olhar cujo horizonte esteja transformado pela caridade, levando-nos a perceber a dignidade do outro, é que os pobres são reconhecidos e apreciados na sua dignidade imensa, respeitados no seu estilo próprio e cultura e, por conseguinte, verdadeiramente integrados na sociedade” (FT, 187).

Queridos irmãos e irmãs, cada etapa da vida é um tempo para crer, esperar e amar. Que este apelo a viver a Quaresma como percurso de conversão, oração e partilha dos nossos bens, nos ajude a repassar, na nossa memória comunitária e pessoal, a fé que vem de Cristo vivo, a esperança animada pelo sopro do Espírito e o amor cuja fonte inexaurível é o coração misericordioso do Pai.

Que Maria, Mãe do Salvador, fiel aos pés da cruz e no coração da Igreja, nos ampare com a sua solícita presença, e a bênção do Ressuscitado nos acompanhe no caminho rumo à luz pascal.

Papa Francisco, Audiência Geral, 26 de Fevereiro de 2020



OS DEZ MANDAMENTOS

CAPÍTULO I - AMARÁS O SENHOR TEU DEUS COM TODO O TEU CORAÇÃO, COM TODA A TUA ALMA E COM TODAS AS TUAS FORÇAS

2º MANDAMENTO: Não invocar o Santo Nome de Deus em vão

447. Como respeitar a santidade do Nome de Deus?

Invocando, bendizendo, louvando e glorificando o santo Nome de Deus. Deve pois ser evitado o abuso de invocar o Nome de Deus para justificar um crime, e ainda todo o uso inconveniente do seu Nome, como a blasfêmia, que por sua natureza é um pecado grave, as imprecações e a infidelidade às promessas feitas em Nome de Deus.

448. Porque se proíbe o juramento falso?

Porque, assim, se chama a Deus, que é a própria Verdade, como testemunha da mentira.

“Não jurar nem pelo Criador, nem pela criatura, senão com verdade, por necessidade e com reverência” (S. Inácio de Loiola).

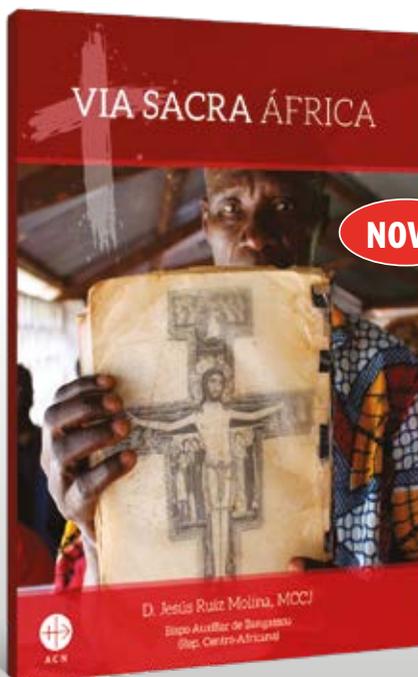
449. O que é o perjúrio?

É fazer, sob juramento, uma promessa com intenção de a não manter ou de violar a promessa feita sob juramento. É um pecado grave contra Deus, que é sempre fiel às suas promessas.

Via Sacra África

Paixão sim, mas uma paixão carregada de Vida. O mais surpreendente sobre África são as torrentes de vida que fluem em toda a parte em situações de morte e destruição sem precedentes... Sim, é África..., África é chamada a renascer, África traz nas suas raízes o gérmen da imortalidade, pois o Senhor Jesus “a amou e Se entregou... para que tenham vida e vida em abundância”..., África vive e sofre... África viverá.

D. Jesús Ruiz Molina, Bispo Auxiliar de Bangassou, Rep. Centro-Africana



Esta é uma Via Sacra africana. Jesus continua a sofrer a Sua paixão também na carne de muitos africanos. Nesta Quaresma, acompanhe Jesus na Sua via dolorosa meditando as estações sob o céu africano.

Cód. VS006
€ 4,00

SEMENTES DE ESPERANÇA - Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

PROPRIEDADE Fundação AIS
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
REDAÇÃO E EDIÇÃO Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj,
Alexandra Ferreira
FONTE L'Église dans le monde - AIS França
FOTOS © ACN; © Roshan Pradeep & T Sunil

CAPA S. José Padroeiro da Santa Igreja
PERIODICIDADE 11 edições anuais
IMPRESSÃO Gráfica Artipol
PAGINAÇÃO JSDesign
DEPÓSITO LEGAL 352561
ISSN 12, 2182-3928

Isento de registo na ERC ao abrigo do Dec. Reg. 8/99 de 9/6 art.º 12 n.º 1 A



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

Rua Professor Orlando Ribeiro, 5 D, 1600-796 LISBOA
Tel 217 544 000 | IBAN: PT50 0269 0109 0020 0029 1608 8
fundacao-ais@fundacao-ais.pt | www.fundacao-ais.pt